# QUEBRANDO OS ESPELHOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A LIMITAÇÃO DO CORPUS NA AD FRANCESA NOS ANOS 1960-80

Claudiana NARZETTI[1]

**Resumo:** Neste trabalho, fazemos uma retomada da história da análise do discurso empreendida na França a fim de inquirir sobre os objetos analisados no momento inicial da disciplina – o período entre 1960 e 1980, de modo a, simultaneamente, desenvolver uma reflexão sobre as motivações teóricas e práticas que determinaram que o objeto privilegiado de análise tenha sido o discurso político.

**Palavras-chave:** História da Análise do discurso francesa; Michel Pêcheux; discurso político.

**Résumé:** Dans ce travail, on retourne à l'histoire de l'analyse du discours entrepris en France avec le propos d'interroger sur les objets analysés dans la phase initiale de la discipline – la période entre les années 1960 et 1980, afin de, au même temps, développer une réflexion sur les motivations théoriques et pratiques qui ont déterminé que l'objet privilégié d'analyse a été le discours politique.

**Mots-clés:** Histoire de l'analyse du discours française; Michel Pêcheux; discours politique.

## Considerações iniciais

No texto "O estranho espelho da análise do discurso", publicado em 1981 como prefácio à obra de J.-J. Courtine sobre o discurso comunista dirigido aos cristãos, M. Pêcheux (2009) critica o fato de a análise do discurso ter-se voltado quase exclusivamente para os discursos políticos escritos de partidos de esquerda (mais exatamente dos porta-vozes dos partidos), e ter desprezado um conjunto muito amplo de outros discursos não apenas escritos, mas também orais, além dos discursos do cotidiano, produzidos fora do âmbito das instituições.

De fato, o autor está correto. Um rápido levantamento dos trabalhos realizados no período supramencionado permite constatar a propriedade de sua afirmação. Essa mesma observação é o que nos motiva a identificar e sistematizar as motivações, teóricas e práticas,

[1] Doutora em Linguística e Língua Portuguesa. Professora adjunta da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Faz pesquisas sobre a história da Análise do discurso francesa, especialmente sobre o percurso das ideias de Bakhtin nesse campo. Interessa-se pela articulação entre os conceitos de Pêcheux e do Círculo de Bakhtin.

dessa opção pelo discurso político que conduziram os primeiros atores da análise do discurso a explorarem quase exclusivamente o discurso político.

**A Análise do discurso francesa como campo heterogêneo de teorias e métodos**

Denise Maldidier (1994) afirma que a Análise do discurso francesa (AD) teve uma dupla fundação: pelos trabalhos de Jean Dubois e pelos de Michel Pêcheux. De fato, a maioria dos trabalhos de análise do discurso produzidos no período mencionado mais acima foi realizada com base nos conceitos e métodos formulados por esses dois autores[2]. Ainda seguindo Maldidier, destacamos que os projetos de análise do discurso desses dois fundadores da AD, Dubois e Pêcheux, constituíram-se e desenvolveram-se mais ou menos independentemente, isto é, perseguindo objetivos diversos e ligados a instituições distintas.

De um lado, Dubois projetava uma análise do discurso enquanto campo de pesquisas que encontrou sua condição de possibilidade nos avanços da Linguística científica, mas que deveria atuar na ampliação dessa mesma Linguística em direção a objetos inicialmente tidos como externos ao seu escopo. No período em que elabora suas formulações e desenvolve os primeiros trabalhos nessa direção, Dubois é professor na Universidade de Paris X-Nanterre. Nessa instituição, ele constitui um grupo de professores-pesquisadores e orienta teses como as de Denise Maldidier e de Jean-Battiste Marcellesi, as primeiras a serem recebidas como trabalhos de análise do discurso.

De outro lado, Pêcheux e seu grupo desenvolviam uma análise do discurso estritamente ligada a uma teoria geral das ideologias, na linha aberta por Althusser, a qual abarcava uma reflexão filosófica muito particular sobre as ciências sociais. Seu objetivo era desenvolver a teoria marxista da história, incluída aí uma teoria das ideologias. Os primeiros trabalhos do autor sobre análise do discurso são dois artigos publicados em revistas científicas e o livro *Análise Automática do Discurso*, de 1969, resultado de sua tese defendida em 1968[3].

Quando publica seus primeiros trabalhos de AD, Pêcheux trabalha no Centro de Nacional de Pesquisas Científicas (CNRS), no Laboratório de Psicologia Social, juntamente com Paul Henry e Michel Plon, que são seus primeiros companheiros. Na primeira metade da

[2] Seria injusto não mencionar aqui a existência de pelo menos duas outras tendências de análise do discurso, que, se não podem ser consideradas fundadoras, são de grande importância histórica – aquela realizada por M. Foucault e aquela desenvolvida pelo grupo de lexicografia de Saint Cloud, em torno de Maurice Tournier.

[3] Além desses artigos, Pêcheux publicou também, nessa época, sob o pseudônimo de Thomas Herbert, na revista *Cahiers pour l'analyse*, dirigida pelo Círculo de epistemologia da Escola Normal Superior de Ulm, dois outros trabalhos que, apesar de não tratarem estritamente de uma análise do discurso, apresentam as bases do projeto pecheutiano. A formação do projeto teórico de Pêcheux desde esses primeiros textos foi objeto de um trabalho anterior (Cf. NARZETTI, 2012).

década de 1970, atuam juntamente com Pêcheux: além de Michel Plon e Paul Henry, Denise Maldidier, Régine Robin, Claudine Normand, Catherine Fuchs, Françoise Gadet, Claudine Haroche, Jacqueline Léon. Desses pesquisadores, alguns são ligados ao grupo de Dubois, constituído em Nanterre. A aproximação se dá por intermédio de Robin.

Em outras palavras, a partir dessas diferentes fundações, pode-se dizer que há diferentes tendências de AD na década de 60. Elas testemunham a heterogeneidade do campo, evidenciada certamente pelos diferentes métodos empregados e pelas diversas referências teóricas de alguns dos primeiros trabalhos de análise do discurso, mas sobretudo pela grande diferença entre os projetos de seus fundadores. Como dissemos acima, tratava-se de um projeto de análise do discurso enquanto ramo de uma linguística efetivamente social no caso de Dubois e seus seguidores (especialmente Marcellesi e Gardin) e de um projeto de análise do discurso enquanto uma semântica discursiva, sendo o discurso concebido como uma das materialidades da ideologia. Assim, para nós, só se pode falar de AD francesa remetendo à existência de diferentes tendências.

**O discurso político como objeto privilegiado**

Mesmo considerando a existência de diferentes tendências de análise do discurso, o discurso político parece ter sido objeto privilegiado dos trabalhos em AD nos primeiros anos de existência da disciplina, notadamente o período de 1969 a 1981, (mais ou menos 13 anos) como se pode constatar em Robin (1974), em Marcellesi e Gardin (1975) e nos mais diversos números das revistas *Langages* e *Langue Française*.

Boa parte dos primeiros trabalhos em AD, que comentaremos logo abaixo, seguem algumas linhas gerais, tanto no aspecto teórico quanto no metodológico, traçadas por Dubois. Essas orientações de base são encontradas: a) em sua tese, de 1962, "Le vocabulaire politique et social em France de 1869 à 1872"; b) em artigos de grande importância tais como: "Lexicologie et analyse d'énoncé" e "Éconcé et énonciation", ambos de 1969. A tese sobre o vocabulário político e social da França do final do século XIX inscrevia-se na tradição filológica francesa de estudo do vocabulário sob uma perspectiva lexicológica e histórica (cf. MAZIÈRE, 2007). Os artigos são voltados para o desenvolvimento de conceitos e métodos de análise: no que diz respeito à questão teórica, o autor aborda problemas como a necessidade de, para analisar o léxico, integrá-lo no contexto maior e nas especificidades do enunciado, e uma reflexão sobre o enunciado estar relacionada obrigatoriamente aos tipos de discurso; no que tange à metodologia, Dubois adotava o método distribucional de Harris (*discourse*

*analysis*) e recomendava seu uso; estabelecia o modo de constituição do corpus (um conjunto de enunciados construídos em torno de termos-pivô).

Vejamos agora alguns dos principais trabalhos de análise do discurso realizados no momento inicial da AD. Uma breve exposição acerca de seus temas e objetivos demonstra que o discurso político era o foco dos analistas de então.

"Approche du discours politique : « socialisme » et « socialiste » chez Jaurès", de Genevieve Provost. Nesse trabalho, publicado em 1969, na revista *Langages*, a autora analisa um conjunto de textos de Jaurès (representante do Partido Socialista francês no período anterior à 2ª Guerra), produzidos segundo condições de produção diferentes (alguns são textos filosóficos e outros são artigos de jornais). A autora elege como corpus os enunciados construídos em torno das palavras socialismo e socialista, e identifica a existência de estruturas frásticas próprias de cada tipo de discurso, que ela classifica como discurso didático e discurso político. A tese de Provost é a de haver condições de definir formalmente (linguisticamente) os tipos de discursos. Por exemplo, os enunciados característicos do discurso didático/filosófico são percebidos pelo receptor como objetivo, científico e demonstrado, enquanto os enunciados do discurso político são percebidos como comprometidos (engagés), refutáveis; estes últimos entram num quadro de enunciação polêmica, eles constroem-se de sintagmas verbais performativos visando a uma ação.

"Le discours politique de la guerre d'Algérie: approche synchronique et diachronique", de Denise Maldidier. Esse artigo, publicado na revista *Langages* em 1971, é uma parte de sua tese na qual a autora analisa o discurso francês sobre a guerra da Argélia. O objetivo do estudo era analisar o funcionamento do discurso político sobre a guerra da Argélia a partir do funcionamento de enunciados produzidos por jornais parisienses na época da guerra, os quais são representativos dos *grupos sociais* da comunidade francesa. O corpus se constitui de frases construídas em torno de palavras-pivô escolhidas (Argélia, França, argelino e francês). A hipótese da autora é a seguinte: se é possível determinar as frases de base que subjazem o discurso sobre a guerra da Argélia se terá estabelecido um modelo de competência comum a todos os locutores; as variações de desempenho poderão ser colocadas em relação com as clivagens sócio-políticas, isto é, com a existência de grupos sociais com posicionamento ideológicos distintos.

"Éléments pour une analyse contrastive du discours politique", de Jean-Baptiste Marcellesi, publicado na revista *Langages* em 1971. Trata-se de uma síntese de sua tese acerca do discurso do Partido Socialista na ocasião da realização do Congresso de Tours em

1920. Nesse período, o então Partido Socialista apresenta uma divisão em tendências que logo resultará em uma separação e no surgimento de dois partidos distintos, o Partido Socialista (SFIO) e o Partido Comunista (PCF). A hipótese do autor é a de uma divisão interna dos discursos e dos sentidos, já que há grupos distintos. Mas a conclusão de Marcellesi é que havia um único modelo de competência para todos os grupos do partido ao lado de variações relativas aos indivíduos particulares (modelo de *performance*). Esse discurso era marcado pelo emprego predominante do pronome pessoal de primeira pessoa (*je*).

"Blum et Thorez en mai 1936 : analyses d'énoncés", de Lucile Courdesses, 1971. Aqui a autora analisa os discursos de Blum (representante do Partido Socialista) e de Thorez (representante do Partido Comunista) em assembleias realizadas pelos partidos no período mencionado no título do trabalho. Analisando as diferenças formais entre esses discursos, Courdesses conclui que o discurso de Blum (partido socialista, com tendências) é um discurso político tradicional (polêmico), em que o sujeito assume seu enunciado (uso do *eu* e certos verbos e advérbios) etc., se insere na tradição da revolução francesa, de orientação burguesa; e que o discurso de Thorez (partido comunista, sem tendências) é um discurso político de tipo didático, em que há apagamento do sujeito da enunciação (uso do *nós* coletivo); trata-se de um discurso, de uma enunciação de tipo novo, criado no partido comunista.

"A respeito do movimento estudantil e das lutas da classe operária: três organizações estudantis em 1968", de Pêcheux e Wesselius. Nesse trabalho, feito em 1973, Pêcheux e Wesselius analisam panfletos de três organizações estudantis no contexto do maio de 68, constituindo três corpus, um para cada organização, em torno das frases com a palavra *luta* que são processadas conforme o método da AAD-69. O objetivo era identificar os contrastes entre o discurso das três organizações acerca da relação do movimento estudantil com o operário: para um, revolução; para outro, reformismo; para outro, ausência da questão da tomada do poder. Resultado: o termo "luta" tem significados distintos no discurso das três organizações: ele é, na verdade, um homônimo em cada um desses discursos.

"La néologie: aspects sociolinguistiques", de Bernard Gardin, publicado na revista *Langages*, em 1974. Nesse trabalho, Gardin faz uma análise do aparecimento da expressão "programa comum", quando do evento histórico da união dos partidos de esquerda franceses e da elaboração de seu programa comum de governo. O trabalho destaca a luta ideológica travada entre os partidos de esquerda e os seus adversários a respeito desse neologismo ("programa comum"), luta na qual os partidos de esquerda usavam o termo e tentavam legitimá-lo, enquanto os adversários o colocavam em questão, a partir de estratégias de

rejeição tais como a colocação de aspas na expressão. Uma das preocupações principais de Gardin era a investigação sobre as mudanças linguísticas, concebidas, a partir da perspectiva de Voloshinov, como reflexo de uma mudança social em vias de ocorrer. O discurso político, conforme o analista, é um lugar privilegiado para o estudo da neologia, uma vez que, na luta em torno dos signos, os grupos políticos acabam por mostrar o verdadeiro sentido que está sob os significantes que eles utilizam, denunciando os sentidos ocultados pelo grupo adversário.

"Le champ sémantique de 'féodalité' dans les cahiers de doléances generaux de 1789", de Régine Robin. Nesse trabalho, de 1975, a autora analisa os discursos da burguesia e da nobreza sobre 'feudalismo'. A análise dos enunciados de cada caderno de queixas (o da burguesia e o da nobreza) visa a ser comparativa – identificar as frases de base de cada grupo social e ver se eles possuem um modelo ideológico comum ou se, por trás do uso das mesmas palavras, há modelos antitéticos. A frase de base da nobreza é "os direitos feudais são uma propriedade". Já a da burguesia: "os direitos feudais não são uma propriedade". Isso significa que o discurso da burguesia se constrói pela transformação negativa do discurso da nobreza e que o discurso da nobreza expressava sua ideologia empregando termos próprios da burguesia.

"Discours patronal et discours syndical", de Bernard Gardin. Esse trabalho, publicado em 1976, na revista *Langages*, expõe uma parte de sua tese de terceiro ciclo. Nele faz uma comparação/contraste entre o discurso desses dois grupos sociais sobre a greve em filmes produzidos pelos respectivos sindicatos, destacando as formas do discurso reportado e os efeitos das formas empregadas. O objeto é o discurso que os dois grupos sindicais sustentam sobre a greve, ainda que o material empírico (o corpus) tenha sido um filme.

"Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos", de Jean-Jacques Courtine, de 1981. Courtine analisa o discurso do Partido Comunista Francês dirigido aos cristãos no período de 1936 a 1976. Trata-se de um discurso de aparelho constituído na relação com seu exterior, isto é, com um outro que não ele mesmo, visando à constituição de uma aliança ou de uma colaboração política. Courtine toma como "sequência discursiva de referência" o *Apelo dirigido aos cristãos* por Georges Marchais, Secretário Geral do PCF, em 10 de junho 1976, e associa a ela um "domínio de memória" formado, de um lado, por um conjunto de textos proferidos por membros desse partido sobre os cristãos desde maio de 1936, isto é, desde o célebre discurso de Maurice Thorez sobre a "mão estendida" dirigido aos operários e camponeses católicos; e, de outro, por uma série de anátemas presentes no

discurso do aparelho da Igreja contra o marxismo e o comunismo. A análise de Courtine tem alcance político e teórico. Do ponto de vista político, como destacou Pêcheux (2009, p.24-25), ela revela que o discurso comunista voltado aos cristãos "não constitui nem uma manobra tática, nem uma real confrontação, mas um autêntico diálogo de surdos entre duas organizações altamente estruturadas do ponto de vista estratégico, por trás do qual aparece nas entrelinhas a questão da relação das direções com as massas populares enquanto relação com o outro". Do ponto de vista teórico, a análise de Courtine substitui o método contrastivo que vigorava na análise do discurso político por uma abordagem que estabelece o princípio da contradição; reformula o conceito de condições de produção e o de formação discursiva e propõe um conceito fundamental para a AD, que é o de memória discursiva.

Esse breve levantamento, parece-nos ser suficiente para demonstrar a preferência dos primeiros analistas pelo discurso político[4]. Os textos escritos de porta-vozes de partidos de esquerda, de fato, foram os mais procurados para constituirem o corpus, ainda que textos de organizações estudantis, de sindicatos e de jornais também tivessem sido analisados. Na análise do discurso político, as questões centrais investigadas pelos analistas estão necessariamente ligadas ora ao fato da divisão ora ao da união da esquerda francesa.

**Reflexões arqueogenealógicas sobre a preferência dos analistas pelo discurso político**

Algumas questões são suscitadas por esses fatos apenas rapidamente mencionados: por que motivo(s) o discurso político foi um objeto privilegiado (quase exclusivo) da AD nos seus inícios? Como as diferentes tendências de análise do discurso, tais como a do grupo em torno de Pêcheux e a do grupo em torno de Marcellesi e Gardin, justificam essa opção (se é que se trata de uma opção)? Iniciemos por essa segunda questão.

Marcellesi e Gardin, em sua obra *Introdução à Sociolinguística*: a linguística social, na qual apresentam a análise do discurso como ramo de pesquisas no interior de uma linguística efetivamente social, descrevem as tarefas dessa nova linguística, que são especialmente fazer a caracterização linguística dos grupos sociais.

> Uma das suas preocupações é por em evidência as clivagens linguísticas parciais [...] entre coletividades dependentes de uma maneira ou de outra da mesma comunidade linguística. Trata-se de determinar o comportamento linguístico característico do grupo [...]. (MARCELLESI; GARDIN, 1975, p.245)

[4] Vale destacar que algumas análises debruçam-se sobre discursos de outra natureza, como o discurso iluminista, o discurso da maçonaria, o discurso republicano, o discurso sobre a instituição escolar (Cf. ROBIN, 1974 e LLORENS, 2002).

A investigação deve, portanto, ser contrastiva: diferenciar os grupos a partir de suas características próprias, que são distintas das dos outros grupos.

Explicam os autores que somente os enunciados coletivos podem ser objeto de investigação, tais como as moções – proposição ou proposta feita numa assembleia – porque são a expressão dos interesses de um grupo social e não de um indivíduo particular. Enunciados coletivos são aqueles produzidos por um grupo social determinado expressando sua visão de mundo, seus interesses, sua ideologia, sua variedade linguística. Sendo assim, o discurso político pode ser objeto da linguística social, uma vez que é a expressão de um "nós". O discurso político, enquanto enunciado coletivo, permite descrever a individuação linguística do grupo social do qual é produto.

Encontramos nessas considerações de Marcellesi e Gardin algumas justificativas para a opção pelo discurso político como objeto de análise. Elas não explicam, entretanto, as motivações para essa escolha. Necessário se faz recorrer às reflexões de Courtine e de Maingueneau acerca desses motivos.

Os primeiros analistas do discurso eram, em sua maioria, militantes políticos do Partido Comunista, incluídos aí os fundadores Dubois e Pêcheux. Esses atores jamais desvencilharam a reflexão teórica da ação política. O que marca o aparecimento da AD francesa, segundo Courtine (2006a, p. 48), é "uma vontade crítica geralmente fundada num engajamento político que reclamava a inclusão do político e do social no domínio da linguagem".

Conforme Courtine (2006b), os atores da primeira hora da análise do discurso possuíam um engajamento político que consistia no compromisso de ensinar às massas a ler textos políticos que são, por natureza, ambíguos, opacos, para neles ver a verdade, de modo que sua prática pudesse tornar-se consciente. O autor dá como prova de sua tese uma afirmação feita por Marcellesi num Colóquio de analistas do discurso realizado no México, em 1977:

> Sim, nós temos alguma coisa para fazer por aqui. A reflexão sobre o discurso político [...] deve ser desenvolvida e ensinada ao cidadão. O discurso oferecido pelo Estado ao cidadão francês é caracterizado por uma ambiguidade de superfície que, em princípio, permite leituras plurais, das quais uma, a verdadeira, possível do ponto de vista linguístico, está censurada porque assimilável no quadro da ideologia dominante. (MARCELLESI apud COURTINE, 2006b, p.13)

Os primeiros trabalhos de análise do discurso pressupunham, por um lado, uma opacidade, uma ambiguidade do discurso político e, por outro, uma miopia constitutiva da

posição sujeito-leitor. A AD deveria, então, construir uma máquina de ler e de ver para substituir o olhar da posição sujeito-leitor que é um olhar parcial, isto é, nunca completamente capaz de ver o total, o global, a verdade subjacente dos/nos textos. A AD seria, desse modo,

> [...] uma montagem ortopédica de dispositivos técnicos que realizam praticamente e, literalmente, no próprio lugar do leitor, uma "leitura não-subjetiva" que, tirando a ambiguidade do texto, converta a opacidade em transparência, desfaça a mentira ou a sedução escondidas nas palavras, assegurando o retorno à clareza do discurso, reaparição de sua verdade, revelação de seu real. (COURTINE, 2006b, p.20)

Perseguindo esse objetivo, a AD francesa inscrever-se-ia, segundo Courtine (2006a), numa tradição surgida com a Revolução Francesa, que consistiria em esclarecer o povo, em prepará-lo para perceber mecanismos de opressão e de mascaramento da opressão de modo a que pudesse lutar em condições mais favoráveis.

A concepção de discurso político como opaco e ambíguo, referida por Courtine, seria proveniente, segundo esse autor, da inscrição da AD no domínio de memória que é a teoria marxista conforme a leitura de Althusser. No interior dessa teoria, há uma tese segundo a qual o real possui um funcionamento tal que nunca se mostra de modo completo e evidente para os sujeitos, isto é, haveria uma opacidade estrutural do real. O discurso seria, dessa forma, um objeto também opaco cujo funcionamento apenas uma teoria poderia revelar.

Maingueneau (1990, p. 72) faz uma interpretação semelhante a de Courtine: "Nesse contexto, a vontade militante e o interesse científico parecem indissociáveis: estudar os processos de 'deformação' ideológica no discurso é trabalhar em uma obra de desmistificação e fazer progredir a causa da revolução".

No interior desse quadro de militância teórica e política, importava grandemente o acontecimento da união dos partidos de esquerda franceses (o socialista e o comunista), que se deu com a assinatura do Programa Comum da União da Esquerda. A opacidade que marcava esse texto, conforme Courtine (2006b), que fundiu dois discursos em um, levou alguns analistas do discurso a contrastar o discurso do partido socialista e o discurso do partido comunista e outros a analisar esses discursos em si mesmos (Cf. acima os comentários acerca de Marcellesi, Courdesses, Provost, Gardin).

**Considerações finais**

Como acabamos de ver, Courtine e Maingueneau apresentam as motivações que estão relacionadas ao privilégio dado pelos primeiros analistas do discurso ao discurso político em

detrimento de outros. Sucintamente, pode-se apontar: a) uma motivação interna à teoria, a opacidade do discurso político; b) duas motivações externas, o compromisso militante de preparar as massas para a luta contra a opressão e a dominação, e o aparecimento do Programa Comum da esquerda francesa.

Convém, neste momento final de nossa reflexão, lembrar que, de acordo com os próprios conceitos da teoria do discurso, a opacidade é um traço definidor de qualquer tipo de discurso e não unicamente do político e que a opressão pode acontecer por meio de qualquer tipo de discurso e não apenas do político. Levando em conta esses dois dados, pode-se talvez questionar a plena coerência das interpretações acima referidas e destacar a necessidade de pesquisas aprofundadas sobre as motivações que de fato determinaram a opção pelo discurso político como objeto de análise. Teria sido o Programa Comum um fator de maior importância, já que relacionado a um contexto político de oposição entre os partidos de esquerda agora reunificados por questões conjunturais?

Uma investigação sobre o problema abordado neste trabalho deve também considerar seriamente um dos objetivos apresentados por boa parte dos analistas do discurso em suas análises, que é o da explicitação dos mecanismos da ideologia, seja no processo de reprodução seja no de mutação ideológica. Os objetivos mais recorrentes na maioria dos trabalhos pioneiros relacionam-se exatamente com a questão do funcionamento ideológico dos discursos. A esse respeito, vale retomar a colocação de Robin (1974), segundo a qual a AD preocupa-se com a função social da ideologia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUVEAU, Geneviève. Analyse linguistique du discours jaurésien. **Langages**, Paris, n.52, p. 7-109, 1978. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726X_1978_num_12_52_1808. Acesso em: 21out.2011.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político*: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.

_____. Uma genealogia da análise do discurso. In: _____. *Metamorfoses do discurso político*: derivas da fala pública. São Carlos, Claraluz, 2006a. p. 37-58.

_____. O professor e o militante. Contribuição à história da análise do discurso na França. In: _____. *Metamorfoses do discurso político*: derivas da fala pública. São Carlos, Claraluz, 2006b. p. 9-28.

COURDESSES, Lucile. Blum et Thorez en mai 1936 : analyses d'énoncés. *Langue française*, Paris, n.9, p. 22-33, 1971.

DUBOIS, Jean. *Le vocabulaire politique et social en France de 1869 à 1872*. Paris: Larousse, 1962.

_____. Lexicologie et analyse d'énoncé. *Cahiers de lexicologie*, Paris, n. 15, 1969.

_____. Éconcé et énonciation. *Langages*, Paris, n.13, p. 100-110, 1969.

GARDIN, Bernard. La néologie: aspects sociolinguistiques. In:_____. *Langage et luttes sociales*. Textes édités et présentés par Nanon Gardin et Frédéric François. Limoges: Lambert-Lucas, 2005. p. 179-186.

_____. Discours patronal et discours syndical. *Langages*, n. 41. pp. 13-46. 1976.

LLORENS, Roberto Ceamanos. Lingüística e historia social: los comienzos de uma aventura interdisciplinar en la historiografia francesa. *BROCAR*, n. 26, p. 265-277, (2002). Disponível em: http://www.academia.edu/6796096/Linguistica_e_Historia_social. Acesso em: 20 jun. 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise do discurso: a questão dos fundamentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, jul/dez, 1990. p. 65-74.

MALDIDIER, Denise. Elementos para uma história da análise do discurso na França. In: ORLANDI, Eni (Org). *Gestos de Leitura*: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1994. p. 15-28.

_____. Le discours politique de la guerre d'Algérie: approche synchronique et diachronique. *Langages*, Paris, n. 23. p. 57-86, 1971.